Casos & .Causos

Por Nestor Leme

Aconteceu na encenação da Paixão de Cristo 2026

Elenco local mantém viva a tradição da Paixão de Cristo com histórias que vão além do palco | Arquivo

Desde pequeno, ouvia dizerem que, em sua existência, o homem precisava ter pelo menos um filho, plantar pelo menos uma árvore e escrever um livro. E acho que levei a sério o que diziam, porque sempre gostei de plantar árvores. No tempo em que trabalhei no engarrafamento da água mineral da família Rielli, deixei plantados, no terreno da firma, dois abacateiros; um continua por lá até hoje, passados mais de cinquenta anos. Também plantei várias árvores frutíferas nas terras da Radial, em Monte Alegre do Sul, e, ultimamente, plantei outras na Praça do Sesquicentenário, sendo que um pereiro e uma mangueira da qualidade manteiga que lá plantei já produziram os primeiros frutos.

Bem, filhos, a Alice e eu tivemos dois, Ariel e Audrey, e hoje, com a chegada do genro, da nora, dos netos e namorado e namorada destes, já somos onze. Faltava o livro. Já tenho nove páginas publicadas no livro Antologia Serrana e mais algumas no livro das Capelas Rurais de Serra Negra; um livro só meu ainda não tenho, mas isto deve ser por pouco tempo, pois a grande amiga Rosangela Simões, diretora do conceituado Colégio Libere Vivere, já está com todos os arquivos dos meus artigos, para que sejam escolhidos os causos mais interessantes para a publicação do livro. Bem, das três diretrizes que tinha proposto realizar, falta só o livro, que espero sair em breve.

Porém, no tempo transcorrido em que estava realizando estas diretrizes, foram acontecendo coisas que nunca pensei que iriam acontecer. Era mais ou menos jogando futebol, mas, assim mesmo, fiquei conhecido em todos os campos do nosso município, jogando ou apitando futebol. Era sócio do Serra Negra E.C. só para me divertir com a família e, um dia, quando vi, era vice-presidente daquele clube. Na vida pública, fiz parte do Conselho Municipal de Esportes, do Idoso, de Política Cultural e também virei colunista de jornal.

Aí chegou o dia do qual acho ser o último das minhas aventuras, o dia em que também virei ator. Numa noite de 2011, passava pela Praça do Mercado Cultural quando fui "caçado" pelo Oscar Brolezi para representar o Sacerdote Anás na Encenação da Paixão de Cristo daquele ano. Topei e estou aí hoje, sendo que, na encenação atual, é possível que ninguém note a minha presença, pois a minha aparição no ato vai durar segundos. Entrei para o grupo não porque esperava ser ator, mas sim porque sei que, em se tratando de teatro amador, alguma furada com certeza vai acontecer, e ali estava mais uma fonte de inspiração para os meus escritos.

E não estava enganado: em todas as participações, encontrei assunto para escrever, e neste ano de 2026 a coisa aconteceu já nos ensaios, e foi mais ou menos assim:

Depois de décadas de interrupção, em 2007, a Encenação da Paixão de Cristo de Serra Negra foi reativada, e o Ezio do Amaral logo foi escolhido para o papel de Jesus. Ele representou o Mestre tão bem que continuou no papel por anos, até que passou da idade que Jesus tinha quando foi crucificado. Assim, deixou o papel principal vago e partiu para outro e, com sua desistência, Vitor Dias, que já fazia parte do elenco, foi escolhido pelo diretor da peça, Paulo Santos, para o papel principal.

Com tudo ajeitado, começaram os ensaios. O Vitor, pelo tempo que está no elenco, foi bem nos ensaios, fazendo o papel de Jesus; a única diferença é o tamanho entre ele e o Ezio, que deve ser uns trinta centímetros maior que ele. Bem, a diferença de estatura entre os dois não causou problema. Só que, durante os ensaios, na cena em que os guardas chicoteiam o Vitor, como fizeram com Jesus, ouvi um deles dizer ao outro que estava acostumado a chicotear o Ezio, que é grande e forte, mas que, desta vez, estava até com dó de chicotear o Vitor; tinha a impressão de que estava surrando o Menino Jesus.

Crônicas do .Dia a Dia

Por Gulda Gerosa

Hans Staden

Tive a oportunidade de ler a história de Hans Staden, de 1549. Esses homens antigos eram aventureiros. Numa época em que não havia estradas, saíam de suas casas e navegavam por esse mundão afora, experimentando toda sorte de destino que a vida pudesse oferecer.

Como foi que um alemão saiu de sua terra natal e veio duas vezes ao Brasil, em 1547 e 1555, e, depois de ter sido prisioneiro dos índios Tupinambás, permanecendo 9 meses com eles, conseguiu o milagre de retornar à Europa? Contar sua viagem em um livro era algo que impressionava o leitor, que podia ter uma ideia de uma terra desconhecida e selvagem. O Brasil dessa época era composto por pequenas vilas, e algumas nem existiam ainda. São Vicente tinha entre 500 e 1000 habitantes brancos, e a maior porção era de indígenas. Os índios amigos dos portugueses eram os Tupiniquins. Os Tupiniquins viviam em guerra com os Tupinambás.

As viagens podiam demorar anos, e não era difícil perderem os navios em naufrágios. Não era como hoje, quando o motor pode tirar o barco do perigo - os navios eram impulsionados por velas e, se não houvesse vento, não conseguiam navegar. Às vezes, tinham que esperar por até 6 meses até que soprassem os ventos alísios ou os ventos de popa. Mas difícil, mesmo, era quando perdiam o navio que, naquela época, nada tinham de parecido com os de hoje. Assemelhavam-se mais a embarcações que fazem passeios de escuna na atualidade. E aqueles homens corajosos se lançavam ao mar para desbravar novas terras.

Ao perder o navio, Hans ficou em São Vicente e lá foi contratado para um trabalho que ninguém queria fazer: o de ser artilheiro no Forte de São Felipe. Foi num desses dias em que havia saído para caçar, que foi aprisionado pelos índios Tupinambás, que o levaram para sua aldeia em direção ao Rio de Janeiro, provavelmente perto de Mambucaba. Ali, sofreu toda sorte de provações: era beliscado, arrancavam seus cabelos, ofendiam-no, gritavam em sua orelha. No começo ficava amarrado, mas depois passou a ficar solto e ajudava na caça e na pesca.

Hans vivia sob constante ameaça de ser morto para servir de alimento. Ele viu muitos outros serem mortos, mas Deus quis que sua vida fosse poupada. O universo conspirou para que fosse creditado a Deus que ele estava bravo pela prática de canibalismo, e, todas as vezes, vinham chuvas e raios que, por sorte, cessavam quando pediam que Hans rezasse para seu Deus. Ele também dizia que seu irmão viria com muitos presentes e, principalmente, afirmava que não era português.

Por fim, foi em um navio francês que conseguiu guarida e, com ele, retornou à França após o longo período de cativeiro. A esses desbravadores e colonizadores eu rendo homenagem por sua bravura e coragem.

Cultura .e Vida

Por Henrique Vieira Filho

Rir é coisa séria!

Sorrisos das Giocondas - Pinturas em acrílico de Henrique Vieira Filho

O humor é algo tão sério que até uma das personalidades mais carrancudas da história, Sigmund Freud, dedicou-se a colecionar piadas para escrever sua tese: "Os Chistes e Sua Relação com o Inconsciente" (1905). Para o pai da psicanálise, o chiste (a piada ou o gracejo) é uma estratégia de mestre: ele disfarça conteúdos "proibidos" e libera uma tensão emocional de forma socialmente aceita, revelando verdades ocultas pelo simples estalo do riso.

Se mergulharmos na origem das palavras, descobrimos que o humor tem natureza fluida. Etimologicamente, humor vem do latim e significa "líquido, umidade". Na antiguidade europeia, acreditava-se que a saúde dependia do equilíbrio dos fluidos corporais; as emoções fluíam como o sangue e a linfa. Já na milenar medicina chinesa, esse "fluido" é visto como energia - luzes em movimento que projetam nossa saúde para além da matéria. É quase um cinema biológico!

E por falar em cinema, se ele é a escrita do movimento através da luz (lux), o riso é a iluminação súbita da mente! Sabe aquele estalo quando finalmente "sacamos" uma ironia? É um insight luminoso. Em latim, existe uma proximidade fonética - e eu diria espiritual - entre Luceo (brilhar) e Ludere (jogar/brincar). Rir é, portanto, jogar com a luz da inteligência. Poeticamente, o cinema de comédia nada mais é do que um projetor de "luzes de inteligência" sobre as sombras do cotidiano.

No nosso Ecossistema Cultural ReArte, levamos esse lazer tão a sério que, neste mês de abril, teremos aulas de... risadas! Sim, rir também se aprende na escola! E não se assuste: a palavra escola vem do grego skholé, que significava justamente "lazer" ou "tempo livre". Estudar, na sua essência original, era um prazer lúdico, um privilégio de quem tinha tempo para o pensamento livre.

Graças ao convênio com o Pontos MIS, do Museu da Imagem e do Som, nosso "corpo docente" de abril será de peso. Teremos aulas magnas às quartas-feiras, às 19h, com os professores Charles Chaplin, Harold Lloyd, Oscarito e Grande Otelo. Na grade curricular, clássicos como "Tempos Modernos", "O Imigrante", "O Homem Mosca" e "O Homem do Sputnik".

Para aprofundar a "erudição da gargalhada", no dia 19/04, receberemos o professor emérito da UNICAMP e crítico de cinema, Cássio Starling. Ele conduzirá uma oficina de "risadaria" - ou melhor, uma "seríssima" (risos...) análise técnica - para mostrar como os grandes clássicos provam que o riso é a iluminação da inteligência! Ter um acadêmico desse calibre falando de comédia é devolver à escola o seu sentido original de ludus (jogo/prazer).

Mas, como todo curso exige um pré-requisito, o nosso é simples: aprender a sorrir com a enigmática Monalisa. No Slow Art Day Brasil (dia 11/04, às 14h), teremos uma invasão de pinturas de Giocondas em versões africana, egípcia, asteca e carioca, além de artes fotográficas e representações de sereias de diversas mitologias (tintas óleo e acrílica sobre telas). Tudo isso temperado com a contação de "causos": estarei lá, pessoalmente, narrando as histórias dessas personagens e os segredos de bastidores por trás de cada criação. Garanto que é impossível não sorrir com as lendas ou até gargalhar com as peripécias hilárias que colecionei pelas galerias de arte mundo afora.

Um aviso aos navegantes: os participantes que não derem ao menos um sorriso largo correm o risco de "ficar de recuperação". Terão que repetir as aulas e observar a exposição novamente, mas dessa vez seguindo o espírito do Slow Art: sem pressa nenhuma de ir embora. Estão todos convidados para esta temporada de iluminação inteligente e gratuita em Serra Negra. Afinal, se o humor é líquido, que ele transborde em abril!

Tudo gratuito: informações e reservas de vagas

104,5 fm SERRA NEGRA
Músicas
Notícias
Entretenimento
Sorteios
E muito mais!
Programação 104,5 mHz
8h - 12h - Bom dia, 104! (Ibraim Gustavo)
12h - 13h - Rádio Notícias (Angelito Neto)
13h - 16h - Super Tarde (Pedro Giovani)
16h - 19h - Ranchinho da Saudade (Pedro Giovani)
19h - 20h - A Voz do Brasil
20h - 0h - Noite na Serra
www.radioserranegra.com.br

MENEGATTI
Serralheria Menegatti Ltda.
Box - Portas - Vitraux - Venezianas - Coberturas
Portas de Enrolar - Fech. de Área - Portões - Etc.
serralheriamenegatti@gmail.com
Fones.: (19) 3892-2147 3892-1291
Rua Santa Carolina, n.º 96 - B. das Palmeiras - CEP 13930-000 - Serra Negra - SP

Rir é coisa séria!

Sorrisos das Giocondas - Pinturas em acrílico de Henrique Vieira Filho

O humor é algo tão sério que até uma das personalidades mais carrancudas da história, Sigmund Freud, dedicou-se a colecionar piadas para escrever sua tese: "Os Chistes e Sua Relação com o Inconsciente" (1905). Para o pai da psicanálise, o chiste (a piada ou o gracejo) é uma estratégia de mestre: ele disfarça conteúdos "proibidos" e libera uma tensão emocional de forma socialmente aceita, revelando verdades ocultas pelo simples estalo do riso.

Se mergulharmos na origem das palavras, descobrimos que o humor tem natureza fluida. Etimologicamente, humor vem do latim e significa "líquido, umidade". Na antiguidade europeia, acreditava-se que a saúde dependia do equilíbrio dos fluidos corporais; as emoções fluíam como o sangue e a linfa. Já na milenar medicina chinesa, esse "fluido" é visto como energia - luzes em movimento que projetam nossa saúde para além da matéria. É quase um cinema biológico!

E por falar em cinema, se ele é a escrita do movimento através da luz (lux), o riso é a iluminação súbita da mente! Sabe aquele estalo quando finalmente "sacamos" uma ironia? É um insight luminoso. Em latim, existe uma proximidade fonética - e eu diria espiritual - entre Luceo (brilhar) e Ludere (jogar/brincar). Rir é, portanto, jogar com a luz da inteligência. Poeticamente, o cinema de comédia nada mais é do que um projetor de "luzes de inteligência" sobre as sombras do cotidiano.

No nosso Ecossistema Cultural ReArte, levamos esse lazer tão a sério que, neste mês de abril, teremos aulas de... risadas! Sim, rir também se aprende na escola! E não se assuste: a palavra escola vem do grego skholé, que significava justamente "lazer" ou "tempo livre". Estudar, na sua essência original, era um prazer lúdico, um privilégio de quem tinha tempo para o pensamento livre.

Graças ao convênio com o Pontos MIS, do Museu da Imagem e do Som, nosso "corpo docente" de abril será de peso. Teremos aulas magnas às quartas-feiras, às 19h, com os professores Charles Chaplin, Harold Lloyd, Oscarito e Grande Otelo. Na grade curricular, clássicos como "Tempos Modernos", "O Imigrante", "O Homem Mosca" e "O Homem do Sputnik".

Para aprofundar a "erudição da gargalhada", no dia 19/04, receberemos o professor emérito da UNICAMP e crítico de cinema, Cássio Starling. Ele conduzirá uma oficina de "risadaria" - ou melhor, uma "seríssima" (risos...) análise técnica - para mostrar como os grandes clássicos provam que o riso é a iluminação da inteligência! Ter um acadêmico desse calibre falando de comédia é devolver à escola o seu sentido original de ludus (jogo/prazer).

Mas, como todo curso exige um pré-requisito, o nosso é simples: aprender a sorrir com a enigmática Monalisa. No Slow Art Day Brasil (dia 11/04, às 14h), teremos uma invasão de pinturas de Giocondas em versões africana, egípcia, asteca e carioca, além de artes fotográficas e representações de sereias de diversas mitologias (tintas óleo e acrílica sobre telas). Tudo isso temperado com a contação de "causos": estarei lá, pessoalmente, narrando as histórias dessas personagens e os segredos de bastidores por trás de cada criação. Garanto que é impossível não sorrir com as lendas ou até gargalhar com as peripécias hilárias que colecionei pelas galerias de arte mundo afora.

Um aviso aos navegantes: os participantes que não derem ao menos um sorriso largo correm o risco de "ficar de recuperação". Terão que repetir as aulas e observar a exposição novamente, mas dessa vez seguindo o espírito do Slow Art: sem pressa nenhuma de ir embora. Estão todos convidados para esta temporada de iluminação inteligente e gratuita em Serra Negra. Afinal, se o humor é líquido, que ele transborde em abril!

Tudo gratuito: informações e reservas de vagas pelo QRCode da ilustração.